

Trecho da entrevista concedida para o livro **Indústria Mecânica do Estado de Minas Gerais –Memória Histórica**. Belo Horizonte, SINDIMEC-FIEMG, 2007. Pereira, Lígia Maria & Faria, Maria Auxiliadora de.

**LUIZ CÉSAR ALBERTINI**, filho do fundador da Horácio Albertini Com. Ind. Mec. Ltda, Hasa, criada nos anos 1930.

Os primeiros Albertini que vieram para o Brasil deram muitas voltas antes de se instalarem em Belo Horizonte. O casal César e Ercília Albertini veio de Roma com o propósito de fazer a América, e já traziam dois filhos: Horácio, com 3 anos, e Clara, com um ano e meio. Não vieram como imigrantes, mas sim com o espírito independente de criar algo aqui. César já tinha razoável experiência em serviços de mecânica e serralheria, o que lhe facilitou, de imediato, a obtenção de um emprego numa empresa inglesa importadora de engenhos de cana-de-açúcar, turbinas e outros pequenos equipamentos para fazendas. Ali, César permaneceria por muitos anos. Como tal empresa tinha uma filial em São João Del Rei, não demorou muito tempo para Horácio começar a percorrer os caminhos de Minas, montando e instalando equipamentos nas fazendas do interior. Posteriormente, foi para São Paulo, onde sua mulher faleceu prematuramente. Para continuar viajando, teve que deixar os filhos aos cuidados dos padrinhos que residiam no bairro do Brás, na capital paulista. Horácio realizou ali o curso primário.

Assim que se tornou adolescente Horácio Albertini começou a acompanhar o pai nas suas andanças pelo interior de Minas Gerais, montando e dando manutenção a equipamentos instalados em fazendas. Essa experiência iria ser de grande valia para a sua formação profissional. Houve um momento que Horácio começou a se cansar daquela vida nômade. Por essa época, começaram a aparecer os automóveis no Brasil e, por volta de 1921, a Ford montou uma linha de montagem. Os *kits* com as peças vinham dos Estados Unidos e eram montados em São Paulo, precisamente na avenida Sólom, nº 2. Horácio, que já estava com seus 18, 19 anos, ficou entusiasmado com a novidade e decidiu fazer o curso de mecânica de automóveis. Concluído o curso, transferiu-se para Piumhi, no Oeste de Minas, onde ficou responsável por uma oficina autorizada para manutenção dos veículos. Era uma luta. Ele ia 5, 7, 8 vezes por ano a São Paulo com uma caravana buscar os veículos. E os veículos vinham rodando por aquelas estradas

horrorosas. Mas, antes disso, Horácio veio a Belo Horizonte e trabalhou um tempo com o grande capitão da indústria na época, o italiano Victor Purri.

Em Piumhí, ele conheceu e se casou com Antonieta, filha dos italianos Luiz e Matilde Farinelli, que também haviam chegado ao Brasil como imigrantes. Ele era construtor e veio trabalhar na estrada de ferro da Rede Sul Mineira, em Lavras, onde construiu a oficina mecânica que chamavam de Rotunda Ronda, oficina redonda de montar locomotivas. Terminada a construção da estrada de ferro, foi convidado para construir a Igreja de Piumhí. Tendo ali encontrado uma pequena colônia de italianos já estabelecidos, como comerciantes e agricultores, Luiz e Matilde decidiram, então, por se fixarem definitivamente na cidade. Compraram um bom pedaço de terra, construíram uma casa e lá ficaram com os 9 filhos. Quando Horácio se apaixonou pela bela Antonieta também adotou a cidade de Piumhí como sua terra e teria dito ao pai: “daqui não saio mais”. Saiu. Tanto que, no início dos anos de 1930, já estava instalado em Belo Horizonte, onde iria instalar a Horácio Albertini.

Em 1932, meu avô César já estava um pouco idoso e morava em Belo Horizonte. Convidou meu pai para vir para cá. Seu argumento era o de que a Capital estava começando, tinha muito serviço e muitas oportunidades. Ele veio e montou sua primeira e pequena oficina. Antes disso, já havia trabalhado por algum tempo com o grande Victor Purri, considerado, à época, “o capitão da indústria mecânica de Minas Gerais.” O primeiro galpão que meu pai alugou ficava na rua Varginha esquina com avenida do Contorno. Naquela época, não queria mais saber de automóvel e até teria dito: “nem os meus carros eu vou consertar mais”. Assim, no início, a firma Horácio Albertini tinha como função consertos de equipamentos, de engenhos de cana, de máquinas gráficas, e de máquinas da indústria de alimentação. Papai havia trazido de Piumhí um torno mecânico, uma plaina, ferramentas manuais, bancadas, enfim, tudo aquilo que possuía. Colocou tudo no caminhãozinho Chevrolet e veio com toda a família. Eram seis filhos, eu ainda não tinha nascido.

No período da Segunda Grande Guerra havia muitas dificuldades para se importar peças e componentes industriais. Empresas como a Belgo Mineira, por exemplo, começaram a solicitar serviços da oficina Horácio Albertini. Como o serviço era bom, a Belgo tornou-se cliente de papai por muitos anos. Depois, veio a Mannesmann, a Cemig e a Usiminas. Com toda essa evolução da indústria mineira, a Horácio Albertini também foi crescendo, adquirindo máquinas e equipamentos mais modernos. Havia a Oficina

Christiano Ottoni, que prestava serviço para terceiros, muito bom, por sinal. Tínhamos um relacionamento de alto nível com a Oficina e a usamos muito. Eles tinham uma fundição de ferro extraordinária. Mandávamos os modelos de peças para lá, eles executavam a fundição e nos forneciam as peças.

Os vários endereços da firma denotam, de certa forma, a sua evolução. Da rua Varginha, meu pai se mudou para a avenida Álvares Maciel, depois para a avenida Bernardo Monteiro até comprar um terreno de 2.500 metros na rua Hermílio Alves, no bairro Santa Tereza. No início da década de 1960, tivemos um período meio ruim. Foi um momento problemático, com uma conjuntura política conturbada. Eu tinha, nesta época, 20 e poucos anos, mas presenciei dificuldades de outras empresas, algumas grandes e poderosas. Com a criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS, em 1966, houve certa melhoria porque o passivo trabalhista era um negócio absurdo, não era real. Com o fundo de garantia, houve uma melhoria enorme, a indústria automobilística brasileira cresceu extraordinariamente, a inflação foi reduzida e aquele operário que tinha seu emprego garantido ficou bem. Antes, no período de JK, o Brasil já havia começado a construir estradas, hidrelétricas e tudo isso beneficiava a indústria mecânica. Neste tempo, continuávamos a fabricar o mesmo tipo de produto, só que, em proporções maiores, chegamos a construir 1800 itens para a Tratores Caterpillar com uma qualidade espetacular. Nosso produto era aceito por todas as construtoras brasileiras.